

O saber e o fazer do técnico em enfermagem como evocações de uma inteligência popular a ser reconstruído na educação de jovens e adultos¹

*Luiz Gonzaga Gonçalves*²

Resumo: Discute-se no texto uma inegável vinculação do saber científico e técnico e do saber popular, no que neles há de mais cultivado. Para Ginzburg (1989), isso aconteceu na medicina hipocrática, quando uma sistematização escrita servia à percepção sensível do médico, como um “caçador”, hábil em ler os sintomas das enfermidades. Há cruzamentos de uma inteligência popular e da área da saúde no passado e no presente. Isso pode ser evidenciado através das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Técnico na Área da Saúde (1999), quando traçam aptidões plurais para seu profissional. Para concretizar este estudo, partiu-se de uma pequena investigação, desenvolvida em 2007, com 39 alunos do Curso de formação de técnicos em enfermagem para os assentamentos rurais da Paraíba. Como resultado, viu-se que dominar vários campos de responsabilidade e de interesse coletivo vem de patrimônio antigo da humanidade, ainda atuais, como se vê projetar nas diretrizes que orientaram o Curso de Formação do Técnico em Enfermagem (2003/2004) e nos relatos vindos dos assentamentos. Esses domínios ficam empobrecidos quando há uma docência escolar pouco investigativa e conteudista.

Palavras-chave: Assentamentos Paraibanos; Técnico em Enfermagem; Inteligência Popular; Formação.

Todos esses saberes o filósofo da República condena e rejeita-os, reunindo, num mesmo ato de exclusão, o artesão que só tem a prática manual e aquele que conhece as regras de sua arte, o homem que a *Antiga Medicina* chama o ‘*tekhinítes*’.

Marcel Détienne e Jean-Pierre Vernant (2008).

PALAVRAS INICIAIS: QUANDO UMA INTERROGAÇÃO DE PARTIDA NOS LEVA PARA LONGE

¹ Este artigo compõe uma das partes do meu Relatório do Estágio Pós-doutoral, realizado, em 2011, junto ao PPGE da UNISINOS.

² Professor do Centro de Educação, participante da Linha de Pesquisa em Educação Popular, do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: luggoncalves@uol.com.br.

A origem deste trabalho está relacionada a uma interrogação nascente, que se impôs ainda quando encerrava minha dissertação de mestrado, em 1995. Se haveria domínios do saber especializado, do saber científico, que mantivessem algum vínculo orgânico com os saberes que lançamos mão em nossa vida diária, com os saberes provenientes, por exemplo, das práticas sociais dos não escolarizados, dos sujeitos das classes populares. Encontrei pista fecunda nos estudos de Carlo Ginzburg, em seu livro *Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História*, (1989). Considerava o autor que talvez o caso da medicina antiga fosse o único, ou o primeiro, capaz de enriquecer a codificação escrita com um saber indiciário. Quer dizer, a clínica médica da antiguidade grega, em sua sistematização, deparava-se sempre com circunstâncias abertas, ou seja, com certas combinações inesperadas das enfermidades, o que desafiava o médico a equacionar seu saber sistematizado e o seu faro clínico, para não sucumbir diante das surpresas dos casos individuais e de sua margem de casualidade. A semiótica médica deixava entrever, de acordo com Ginzburg (op. cit., p. 154), “o gesto talvez mais antigo da história intelectual do gênero humano: o do caçador agachado na lama, que escruta as pistas da presa”.

Ora, o saber movimentar-se por indícios, do caçador, constituía-se então no que havia de sutil e refinado no conjunto das competências e aptidões³ inscritas nas práticas sociais dos não escolarizados, dos sujeitos dos meios populares. Acontece que o caçador desenvolve uma atividade de risco, ativando seus sentidos: ele pode achar a direção de sua presa, mas também pode falhar, perdendo aquilo que procura com atenção. Da mesma maneira, o médico clínico pode errar no diagnóstico da doença.

Os filósofos gregos criticavam a medicina pelo fato de depender da percepção sensível do clínico quando se tratava de identificar uma enfermidade. É daqui que se identifica o lugar de partida deste estudo e sua importância por ser empreendido em

³ Estamos entendendo competência como um saber fazer particular e determinado. Já a aptidão é pensada como algo que está além das competências, enquanto domínio de saber mais consolidado e replicável, capaz de responder aos desafios e problemas mais instáveis.

um país e, especialmente, em uma região como o Nordeste, marcada, ao longo dos séculos, por altos índices de analfabetismo.

UM ACENO SOBRE PRODUÇÃO DE SABERES DE ORIGENS ANTIQUÍSSIMAS EM NOSSO PAÍS

O censo de 1888 informava que 85% dos brasileiros da população total não eram alfabetizados; o censo de 1900 indicava que 75% dos brasileiros estavam apartados do saber escrito (PAIVA, 2003). O recenseamento de 1940 evidenciava que 55% dos brasileiros, acima dos 18 anos, não eram alfabetizados (FILHO, 2000). Mais grave era a situação do Nordeste com 70% de não alfabetizados nas mesmas condições. Isso implica uma reflexão quase sempre ausente entre os estudiosos, implicava um balanço sobre qualidades inteligentes e processos de aquisição de saber gerados fora dos domínios do saber escolar em nosso país.

Neste trabalho, a proposta é a de trazer alguns traços significativos da forma como adquirimos saberes para a vida e o trabalho, que prevaleceram por séculos no Brasil e constituem uma base respeitável dos nossos enraizamentos culturais. Interessa rastrear alguns aspectos relevantes que impregnam nossa cultura, influenciando nos recursos inventados pela população brasileira para uma aquisição de saberes que foram se perpetuando entre aqueles e aquelas que ficaram apartados da cultura letrada. Saberes que bem compreendidos podem reverter favoravelmente no sentido de abrir caminho para uma escolarização bem sucedida.

Trata-se de uma não adesão à lamentação histórica dos intelectuais em torno do atraso secular vivido pela maioria da população brasileira, tolhida dos benefícios de uma escolarização capaz de mudar modos de vida, a partir de um acesso prolongado ao conhecimento científico e técnico, daí decorrentes. Este trabalho pretende, pois, trazer alguns elementos para pensarmos as saídas, os processos de aprendizagem que são postos em marcha pelos nossos trabalhadores e trabalhadoras, pouco ou não escolarizados. O intento é o de dar visibilidade a aspectos importantes da bagagem desse grande contingente de trabalhadores(as); mais do que isso, dar atenção às astúcias que são criadas com esforço e algum tipo de criatividade. Se

tivermos êxito quanto a explicitar certos recursos inteligentes e formas de sensibilidade popular, certamente que traremos, nem que seja um aceno em direção a práticas pedagógicas e didáticas mais capazes de democratizar acessos aos domínios do saber sistematizado, da ciência e da técnica.

Para que se possa entender onde estão enraizadas profundamente as estratégias de inteligência e de sensibilidade que aqui serão destacadas, convém evocar as dezenas, senão centenas de milhares de anos do que aponta para os caminhos e descaminhos de nossa sociabilidade humana na terra. Num processo de longuíssima duração, rebatimentos mais próximos de nós apontam para dinâmicas hegemônicas de hierarquização, que normatizam o princípio geral da organização e o da especialização do trabalho nas sociedades humanas.

Quem vai debruçar-se sobre isso é Edgar Morin, no seu livro *O paradigma perdido* (1987), notadamente ao reconhecer que é próprio da especialização dinamizar e complexificar os sistemas sociais, quando emergem as civilizações. Estas arrastam um grande desenvolvimento estético, filosófico, científico e técnico, que se sustenta pela capacidade conquistada e aperfeiçoável de registrar os saberes acumulados, de reproduzi-los e de ampliá-los, mesmo que isso não seja alcançado de forma linear e contínua, e seja acessível a parcelas escassas das populações.

Com Edgar Morin, podemos ver que, na sociedade de Estado, de poder hierarquizado e centralizado, tipos de especialização se impõem pelo que revertem, no seu conjunto, para dar sustentação à ordem constituída. Dessa forma, o êxito conquistado, não raro de forma sangrenta, com os tipos de especialização esperados, coloca em marcha uma degenerescência do ser humano polivalente e politécnico, nos moldes que a arquisociedade levou dezenas ou centenas de milhares de anos para desenvolver, quando se estava diante de

um homem cujo exercício dos sentidos tinha atingido uma precisão e uma delicadeza espantosas, conhecendo todas as coisas da natureza, fabricando seus utensílios, as suas armas, a sua casa, os brinquedos dos seus filhos. Esse homem "total" vai ser substituído, sobretudo nas cidades, por um indivíduo cujas aptidões se atrofiaram em benefício de umas tantas, e o desenvolvimento da complexidade social pela especialização faz-se, para a maioria da população, à custa de um incontestável empobrecimento da personalidade. (MORIN, 1991, p. 176-77).

Podemos ter uma noção mais acabada de como isso pode se desdobrar historicamente, se fizermos, com Mario Manacorda (1989), um breve giro pelo Médio Império Egípcio, que vai de 2133 a 1786 a.C., correspondente ao período tebano (11^a e 12^a dinastias). Naquele período, a profissão de escriba está relacionada à ascensão social em várias frentes de especialização, a começar pelas mais antigas ou ligadas às funções administrativas do governo, ou ainda, especificamente, às funções do mestre, voltadas exclusivamente para o ensino e a reprodução da profissão.

Na Sátira dos Ofícios⁴, com os ensinamentos de Khety (século XXI a.C.) a seu filho Pepi, há comparações reveladoras acerca da relação do trabalho do escriba com outros ofícios. Chegou até nossos dias a advertência de um pai a respeito de suas fadigas quando aconselha o filho a prosperar na arte de escrever que, segundo ele, garante liberdade e privilégios. O que fica nítido, nos documentos históricos de longa data, de acordo com Manacorda (1989), é que perseverar no interesse pelo estudo, especializar-se, está subordinado à arte de aprender a obedecer e de submeter-se ao *status quo*.

Os demais ofícios, ou profissões práticas especializadas, são vistos como indesejáveis. Na literatura, que chegou até nós, encontramos: “Nunca vi um cortador de pedras enviado como mensageiro, nem um ourives. Mas vi o ferreiro no seu trabalho, à boca da fornalha, fedendo mais do que ova de peixe.” (MANACORDA, 1989, p. 24). A lista desses ofícios é longa: “marceneiro, cortador de pedras, barbeiro, pastor, oleiro, pedreiro, jardineiro, camponês, tecelão, fabricante de flechas, carteiro, coletor de estrume ou canas, sapateiro, lavadeiro, caçador, pescador.” (op. cit., p.24).

Como se vê claramente, o poder instituído administra para as camadas mais baixas da sociedade atividades laborais especializadas e práticas, através das quais se impõe um trabalho duro, fatigante, e pouco valorizado. É certo considerar o desprezo dos documentos históricos quanto a um modo de vida e de relações daqueles que escapavam desse lugar especializado do trabalho duro e subalterno na sociedade, de

⁴ É um texto literário com fins didáticos, quando é exaltado o ofício do escriba diante dos outros ofícios considerados estafantes e sem liberdade de ação.

modo que quase nada sabemos dos que estavam à margem, oscilando à distância da órbita do poder dominante.

Com Morin (1991), podemos entender que, com a complexificação social, o homem e a mulher “totais”, que sabiam fazer um pouco de tudo, não encontram mais visibilidade. Seus artefatos, seus meios inteligentes de se moverem no mundo, não são capazes de dar sustentação orgânica às conquistas sociais e políticas que se projetam em torno de formas de poder ampliadas. O que se assiste, então, é um fortalecimento do potencial bélico dos setores dominantes, que em seus processos de estabilização absorvem os recursos da escrita, em seus primórdios, como instrumento a serviço da administração e da burocracia dos poderes constituídos.

Podemos entrever, por sua vez, na Grécia de Homero, um perfil desse homem pertencente aos setores dirigentes que, mesmo concentrando-se na atividade guerreira, é capaz ainda de respeitar outros ofícios, quando ainda não despreza o alcance das atividades laborais manuais ou técnicas. Isso se daria, por exemplo, na *Ilíada*, quando Homero cita Nestor lembrando a Antíloco que os deuses os instruíram na arte dos cavaleiros. Na ocasião, no canto XXIII da *Ilíada*, outros ofícios são evocados com a pretensão de realçar o refinamento que é produzido pela astúcia que triunfa sobre as adversidades: “é pela *métis*⁵, mais do que pela força que vale o lenhador. É pela *métis* que sobre o mar cor de vinho o piloto conduz o navio a despeito do vento. É pela *métis* que o cocheiro supera seu concorrente.” (DÉTIENNE; VERNANT, 2008, p. 18-9, grifos dos autores).

Outro rei, não mítico, Laerte, pai de Ulisses, entra em cena, com o trabalho fatigante de cuidar do pomar, protegido por suas roupas rústicas de couro, e também por luvas nas mãos. Nesse contexto, Ulisses aparece nas trilhas de seu pai, quando se

⁵ Há quem prefira, como Manacorda, utilizar o vocábulo arte, mais conhecido, do que *métis*, na tradução deste trecho da *Ilíada*. Détiene e Vernant (op. cit., p. 17) alertam que *métis*, como substantivo comum, é uma forma particular de inteligência, uma prudência de se estar prevenido sempre; como divindade feminina, corresponde à filha de Oceano. A capacidade inteligente e sensível em torno da *métis* está relacionada aos planos mais diversos, sendo o acento principal na eficácia prática, na conquista do êxito em domínios de ação, nas múltiplas habilidades a serviço da manutenção da vida. A *métis* segue desde o domínio do artesão, do curandeiro, das astúcias da guerra, dos enganos e fingimentos até abarcar todos os tipos de desembaraços.

faz hábil com as mãos o suficiente para não depender de ninguém quando se trata de construir o seu leito nupcial, com madeiras de oliveira. Manacorda (1989) salienta que essas circunstâncias descritas nos dois poemas de Homero parecem até compor o quadro dos personagens de Hesíodo, em seu *O trabalho e os Dias*. Se a moral do trabalho produtivo como excelência, proposta por Hesíodo, não é assumida nos poemas de Homero, aqui vemos ainda, como parte da cultura grega, homens que transitam por diferentes campos de atividade técnica. Podemos considerar que um não desprezo ao trabalho manual ainda é parte aceitável para o homem considerado nobre, do período grego arcaico.

Uma hierarquia mais definida e apartada das atividades técnicas e laborais surgirá em época posterior, na Grécia, quando se acentuará uma discussão sobre as artes (*téchnai*) no período da evolução democrática das *póleis*. Platão, Aristóteles e Xenofonte farão as distinções das artes produtivas. O modo como fazem isso lembra muito bem as sátiras egípcias dos ofícios, como vimos com Manacorda (1989), quando falamos dos escribas egípcios. Tal desprezo pelas atividades técnicas e laborais, reconhecidas especialmente na Grécia clássica, é compreensível, levando-se em conta as guerras de conquista e a emergência do lugar subalterno destinado aos escravos e estrangeiros em sua organização social.

Não de forma linear, nem sempre para todos, os espaços de especialização se impuseram nos processos de organização social que vêm do mundo antigo, passando pelo período medieval, fortalecendo-se na Modernidade, chegando com grande força até os nossos dias. A questão que agora move este trabalho é justamente a de tentar localizar, nos processos sociais contemporâneos, certos campos de atividades técnicas e profissionais que não se renderam à imposição de uma formação especializada, mais restrita.

Uma inspiração indelével para uma formação profissional não limitada em sua especialização, desde a antiguidade, vem dos setores de intervenção profissional onde prevalece o domínio de uma rede ampla de conhecimentos científicos e técnicos, como se viu projetar a partir da medicina hipocrática, com seus

procedimentos clínicos e terapêuticos. Até hoje os desafios da clínica mobilizam médicos e enfermeiros em tarefas que exigem versatilidade, competências e aptidões abertas.

UM PERFIL PROFISSIONAL NAS DIRETRIZES NACIONAIS PARA O ENSINO TÉCNICO NA ÁREA DA SAÚDE

Antes de examinar os exemplos concretos que serão abordados neste trabalho, é preciso destacar que a preocupação aqui não é a de explicitar exaustivamente, em nossos dias, os campos de intervenção profissional que dependem basicamente de um educando versátil. Vamos nos deter em apenas um ou outro campo para que se possa avaliar o alcance das argumentações que temos levantado aqui. Aliás, vamos ter a oportunidade de examinar uma curiosa aproximação. Vamos ver, por um lado, as exigências versáteis implicadas na formação do técnico em enfermagem; do outro lado, veremos um tipo de versatilidade, inerente aos modos de vida e de trabalho de um grupo de estudantes adultos e jovens trabalhadores(as) dos assentamentos rurais da reforma agrária na Paraíba.

Estamos cogitando que os entrelaçamentos do científico e do técnico e do saber popular, no que há de mais elaborado neles, podem abrir pontes inusitadas no sentido de se projetarem orientações pedagógicas e didáticas apropriadas ao ensino profissional, especialmente na modalidade Educação de Jovens e Adultos – EJA.

Um exemplo recente, no Brasil, digno de nota, de um campo de ação também versátil é o do agente comunitário em saúde - ACS, como servidor público espalhado por todo o país, que tem sua origem nos movimentos populares das últimas décadas do Brasil. O ACS, para realizar bem seu trabalho, necessita de uma capacidade de observação bastante desenvolvida, de uma capacidade dialogal e relacional inteligente, de tal forma que dê conta de captar os mais diferentes aspectos que podem afetar a vida e a saúde das pessoas que ele acompanha, visitando suas residências. Em parte, por fugir do modelo dominante, o ACS tem uma luta longa em busca do reconhecimento oficial de sua atuação profissional.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Técnico da Área de Saúde, assinalam:

O perfil de formação requer habilidades cognitivas, técnicas (de caráter necessariamente provisório) e de relações humanas (afetivas). Este 'novo trabalhador' requer uma qualificação que contemple múltiplos aspectos: 'habilidades cognitivas de abstração e análise simbólica, comunicacionais, inter-relação com clientes e demais trabalhadores; iniciativa e criatividade; capacidade de trabalhar cooperativamente em grupo e para a formação mútua no próprio local de trabalho, competência para avaliar o produto de seu trabalho e tomar medidas para melhorar a sua qualidade e domínios de técnicas de planejamento de trabalho''.⁶ (BRASIL, 1999, p. 7).

O vocábulo versátil⁷, entre outras coisas, diz respeito àquele que se move facilmente; que está em movimento; também denota a pessoa que possui qualidades múltiplas e variadas num determinado gênero de atividades. O termo corresponde perfeitamente ao que se exige da formação do técnico em enfermagem.

Em uma sociedade que ainda não conseguiu romper o cerco das especializações fechadas, este perfil aberto da formação do técnico em saúde parece fazer emergir um "novo trabalhador", como sugerem as Diretrizes acima mencionadas. Tal compreensão, porém, é discutível historicamente. D tienne e Vernant (2008) permitem visualizar na medicina hipocrática, especialmente em O Tratado das Epidemias (I, 10), de modo literal, o que um médico deve levar em conta no exame do paciente:

A doena, o doente, as substâncias administradas, aquele que as administra e o que se pode concluir disso de bom e de mau; a constituio geral da atmosfera e as constituies particulares segundo as diversidades do céu e do lugar; os hábitos, os regimes de vida, as ocupaes, a idade de cada um, as palavras, as maneiras, os silêncios, os pensamentos, os sonos, as ins nias, as qualidades, os momentos dos sonhos; os gestos desordenados das mãos, os pruridos e as lágrimas; os paroxismos, as fezes, a urina, os catarros e os v mitos; a natureza das doenas que se sucedem umas às outras (...).⁸ (DÉTIENNE; VERNANT, 2008, p. 281-02).

⁶ Peluzzi, M. Mudanas tecnológicas e seu impacto no processo de trabalho em saúde. (Texto elaborado para o seminário A formao técnica em ciência e tecnologia em saúde, na Escola Politécnica de Joaquim Venâncio/FIOCRUZ, 21-22/mai./2007) [citao acompanha o texto original].

⁷Ver: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portuguesportugues&palavra=vers%E1til>.

⁸Ver sobre isso a obra de Pedro Lain-Entralgo (org.) *Historia Universal de la Medicina*. Barcelona, Madrid. 1972. Tomo I.

Werner Jaeger (1995) convida a pensar que a medicina grega, durante o período clássico, conseguiu deixar de ser uma simples profissão para se converter numa força cultural de primeira ordem no mundo grego, através de um diálogo, nem sempre fácil, com a filosofia, especialmente com a filosofia jônica. Para este autor, na cultura moderna, a medicina evolui, mas acaba sob o cerco de uma “especialização rigorosamente profissional.” (WERNER, 1995, p. 1001-03).

A atividade clínica, em geral, a intervenção do técnico em saúde, em qualquer tempo, vai repor sempre a questão da formação versátil, do profissional de saúde, como vimos nas Diretrizes acima e na medicina hipocrática. Talvez o que tenha obnubilado a percepção de uma distinção versátil, pluricompetente, na área da saúde, de longa data, tenha sido o que já vimos considerando como a imposição de um modelo de formação altamente especializado.

Mesmo assim, no limiar do terceiro milênio, estamos mais receptivos às qualidades inteligentes, múltiplas, apontadas para constituir o perfil da(o) educanda(o) na área técnica em saúde, como assinalado nas Diretrizes acima: pensante, inteligente, habilidoso com as mãos, afetivo, comunicativo, capaz de trabalhar em grupo, com capacidade autocrítica e competência para planejamento de trabalho... Sendo assim, a clínica médica, a atividade do técnico em saúde, bem conduzidas, têm muito a nos dizer sobre processos educativos mais complexos, sobre a articulação entre as disciplinas, sobre uma busca constante de sustentação científica e técnica, sem receios do novo.

A partir de agora, analisaremos como essas questões são tratadas num projeto de curso técnico em enfermagem para alunas e alunos trabalhadores, na modalidade EJA. Daremos destaque aos aspectos orientadores do projeto do Curso de Formação de Técnicos em Enfermagem para os assentamentos da Paraíba (2003-04), sob a responsabilidade da Escola Técnica de Enfermagem da Universidade Federal da Paraíba, Campus I. Vamos analisar também elementos de investigação construídos com a participação dos alunos, como parte da atividade avaliativa desenvolvida na

disciplina Educação do Campo, uma das disciplinas previstas para ser ofertada no referido Curso, ao longo do primeiro semestre de 2007.

No que está posto no projeto do Curso⁹, como metas finais, encontramos:

Ao terminar o curso, os profissionais com formação em técnico de enfermagem devem ter competências e habilidades para cuidar da pessoa saudável ou doente, de forma humanizada, quer seja nos serviços de ações básicas de saúde ou nos diversos setores das instituições hospitalares. Deve atuar de forma hábil e adequada, utilizando técnicas e procedimentos indicados para os diferentes casos. (ESCOLA TÉCNICA EM ENFERMAGEM, 2003-04, p. 9).

Apenas nisso que é posto no início das metas finais esperadas da formação dos técnicos em enfermagem dos assentamentos da Paraíba já se antevê o leque ampliado de responsabilidades que cabe aos profissionais em formação. Seu campo de trabalho já não se reduzirá ao hospital; isso é fundamental para um enfrentamento das demandas das ações básicas de saúde nos assentamentos rurais, espalhados por todas as regiões da Paraíba, distantes dos centros urbanos e logicamente dos hospitais.

Além disso, os formandos deverão ser capazes de tomar atitudes adequadas e adotar procedimentos e técnicas para não serem surpreendidos diante dos mais diferentes casos, nos quais é preciso apresentar os primeiros cuidados com o paciente e para saber onde e como encaminhá-lo adequadamente. Não é preciso ser especialista da área médica para saber que as enfermidades humanas envolvem possibilidades inesperadas de projeção, além de exigir dos profissionais sensibilidade para lidar com fenômenos que, na maioria das vezes, não se oferecem diretamente aos olhos ou ao toque dos profissionais da saúde.

As metas para a formação do técnico em enfermagem para os assentamentos continuam:

Devem estar conscientes da necessidade de manter-se permanentemente atualizados no conhecimento, bem como na tecnologia que dão sustentáculo a sua prática profissional. Isto implica assimilação do princípio legal do

⁹ Projeto de formação técnico-profissional: Cursos de habilitação de técnico em enfermagem e suplência do ensino.

aprender a aprender. (ESCOLA TÉCNICA EM ENFERMAGEM, 2003-04, p. 9, grifo do autor).

As exigências aqui expostas continuam sintonizadas às orientações apresentadas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Técnico Área da Saúde (BRASIL, 1999), como vimos acima, no sentido de considerar sempre renovável o domínio das habilidades cognitivas e técnicas do profissional, posto seu caráter de provisoriedade diante dos avanços constantes nas pesquisas e no aporte de recursos tecnológicos e procedimentais.

Ainda em consonância com o Projeto do Curso de enfermagem (2003-2004), as metas requerem que o técnico em enfermagem esteja preparado para adquirir uma “capacidade para analisar os diferentes contextos no âmbito de sua prática, com espírito crítico, e cuidar do indivíduo sob um olhar holístico, respeitando seus valores espirituais, éticos e morais.” (p. 9). Somente um profissional verdadeiramente versátil, competente e efetivamente apto, é capaz de lidar com diferentes responsabilidades ao mesmo tempo. Aqui ele dependerá de uma noção segura do contexto que envolve sua prática, dos valores impregnados na cultura local onde trabalha, cultivando ainda uma visão abrangente capaz de aproximar o particular de compreensão geral coerente, em seu campo de atuação.

Chegando ao fim das metas, nos deparamos com as questões das relações interpessoais e das trocas entre diferentes profissionais. São questões desafiadoras, entre outras, para o profissional da saúde que vive a experiência constante do espaço da clínica, no seu sentido literal: *cliné* em grego é o mesmo que o leito do paciente, diante do qual este se inclina, observa e age. Assim, ainda está posto ao técnico em enfermagem, ao concluir o curso, uma capacidade de diálogo, de trabalhar em equipe, tendo como prioridade a vida do paciente que dependerá de uma intervenção inteligente e integrada dos diferentes profissionais da saúde: “Deve exibir postura ética frente aos diferentes aspectos inerentes ao mercado de trabalho e nas relações que se estabelecem com as pessoas sob seus cuidados, com companheiros de equipe, com outros profissionais da área e a sociedade em geral.” (ESCOLA TÉCNICA EM ENFERMAGEM, 2003-2004, p. 09).

O CURSO TÉCNICO EM ENFERMAGEM PARA OS ALUNOS DOS ASSENTAMENTOS RURAIS DA PARAÍBA

Tendo apresentado as metas do Curso de formação de técnicos em enfermagem dos assentamentos da Paraíba, apresento agora alguns aspectos de uma atividade docente, que serviu como parte do processo avaliativo da disciplina Educação do Campo, por mim ofertada a 39 alunos, neste referido curso. Apresentei aos alunos os sentidos da palavra versátil, partindo do que encontramos nos dicionários de língua portuguesa e dos exemplos de inteligência prática que são notórios nas atividades da vida e do trabalho do campo. Evidentemente que pretendia tornar consciente para aquele grupo a relevância da versatilidade, das competências e aptidões que tinham adquirido em suas práticas sociais e laborais, que redundaram na conquista da terra onde habitam. Não havia dúvidas de que era fundamental para prosperarem como profissionais da área da saúde que, num outro patamar, ampliassem sua capacidade intelectual, seu senso de observação, sua capacidade comunicativa, interativa e de tomar decisões em situações, muitas vezes, difíceis e arriscadas.

A atividade era para ser redigida em dois momentos: no primeiro, o aluno, a aluna, tentaria destacar se, em seu assentamento, alguma pessoa despontaria como versátil em suas experiências de vida e trabalho, não importando se do sexo feminino ou masculino. No segundo momento, o(a) aluno(a) falaria de si mesmo(a), fazendo um pequeno balanço de suas habilidades e domínios técnicos e profissionais, julgando-se versátil ou não.

Didaticamente, cuidei de deixar um espaço entre as aulas para que os alunos pudessem ter tempo de conversar entre si para depois colocarem no papel o que descobriram. Pelo que eu já investigara sobre o assunto, sabia que eles detinham aquelas qualidades inteligentes, apenas não sabia precisar o alcance do que documentariam, do grau de consciência que teriam sobre isso em suas tarefas escritas.

Os 39 alunos e alunas que participaram da atividade não hesitaram em se reconhecer como pessoas versáteis, evidentemente que uns mais, outros menos. Apenas uma delas hesitou em se reconhecer explicitamente como pessoa versátil. Mesmo assim, identificaram, com facilidade, mulheres e homens reconhecidos por eles como inventivos, elencando suas habilidades, domínios profissionais e aptidões.

Talvez pela predominância de alunas no curso, 31 delas ao todo, num universo de 39 alunos, foram identificadas 25 mulheres nos assentamentos paraibanos conforme o perfil cobrado na atividade. Ainda assim, é digno de nota que, dos oito rapazes da turma, quatro deles escolheram as mulheres como exemplo de versatilidade em seus assentamentos.

No universo de vida e de trabalho, nos assentamentos, representativos de todas as regiões paraibanas, os relatos escritos dos 39 alunos evidenciaram que saber adquirir habilidades e técnicas novas, sem intervenção docente sistemática, é algo normal na vida dessas pessoas. Os relatos mostraram também que cerca de 10% dos alunos, em seus textos, usaram como sinônimo do vocábulo versatilidade a expressão “saber fazer um pouco de tudo”, evidenciando que estavam dominando muito bem o assunto em pauta.

Quais seriam então as qualidades inteligentes, os domínios versáteis encontrados pelas alunas e alunos do curso técnico em enfermagem nas pessoas de seus assentamentos? Para esta exposição, o destaque foi para o saber fazer das pessoas versáteis, especialmente onde estão presentes ações sociais em benefício da comunidade de origem. Como os homens destacados pelos alunos não tinham ação social declarada, trouxe dois deles que aumentaram o leque de seus domínios profissionais e técnicos por terem migrado durante uma parte de sua vida.

Vejamos primeiramente as mulheres envolvidas em uma atividade tradicional de grande valor social nos assentamentos: as parteiras. No relato, a primeira delas tinha 74 anos em 2007, ficou viúva aos 38 anos. Começou a ser parteira aos 16 anos. Supõe ter “cortado o umbigo” de umas 500 crianças. As rezas que faz, aprendeu com o avô, aplica injeção, faz curativos, “garrafadas”, conhece muitos tipos de plantas

medicinais. Reza animais e ajuda no parto desses quando há problemas. Detém os conhecimentos dos profetas da chuva, sendo capaz de antecipar quando o ano será bom de chuva ou não.

A parteira seguinte mencionada possuía 68 anos, em 2007. Para criar os 11 filhos, aprendeu a fazer carvão, aprendeu pescaria, foi empregada doméstica, rezadeira, costureira. Acompanhava a líder sindical Maria da Penha na defesa dos interesses dos trabalhadores rurais.

Uma terceira mulher indicada como versátil foi professora, agente comunitária de saúde, presidente da associação do assentamento, foi suplente de vereadora e costureira. A quarta mulher em destaque foi apresentada como jovem, além de fazer parte da diretoria do assentamento, de trabalhar no roçado, de estudar, de criar gado, de cultivar verduras sem agrotóxicos para comercializar, e de ser educadora de EJA e voluntária da Pastoral da Criança. Costuma fazer bolos, tortas e salgados para ajudar o marido nas despesas da casa.

No caso dos homens versáteis, temos um relato sobre um homem que é agricultor, carpinteiro, arquiteto prático, pedreiro, caçador, pescador, barbeiro, profeta da chuva. Viveu um tempo no Rio de Janeiro e em João Pessoa. Em suas andanças, aprendeu a construir edifícios e casas, não prosseguiu na profissão, segundo notou a aluna, por ter baixa escolaridade. Outro migrante versátil, destacado, chegou à Paraíba para viver e trabalhar na terra, tendo sido pedreiro, pintor, encanador, eletricitista. Apesar de não alfabetizado, foi visto como inteligente a ponto de consertar alguns tipos de eletrodomésticos.

Traremos agora os alunos num olhar sobre seu próprio desempenho. Das quatro pessoas escolhidas, três são do sexo feminino e um é do sexo masculino. Também aqui priorizamos o desempenho versátil que repercute em atividades sociais a serviço dos assentamentos.

A primeira das alunas elencadas se diz um pouco versátil por ser secretária da associação de seu assentamento, por coordenar o grupo de mulheres e, também, por fazer parte da equipe de acompanhamento das questões dos assentados junto ao

INCRA. Diz participar do grupo de pintura e de corte e costura e, na Igreja, faz parte da equipe de dizimistas. A segunda das alunas selecionadas notou que já fez de tudo um pouco; faz arranjos de flores para vender, faz toda a sua luta da casa, já trabalhou em casas de família, foi candidata ao Conselho Tutelar de seu município. É a presidente da associação de seu assentamento, faz parte da comissão de cisternas da já referida ocupação, foi convidada recentemente a fazer parte de comissão semelhante em seu município. Naquele momento, dava assistência às pessoas que adoeciam no seu assentamento, fazia escovas e unhas, participava do conjunto de jovens da Igreja e ajudava a vender salgados para o grupo.

A terceira aluna considera-se versátil, dizendo fazer um pouco de quase tudo: costura, cozinha, faz pintura, bordado, é catequista, animadora da comunidade e diz fazer tudo com amor.

O aluno escolhido considera-se um pouquinho versátil por ser artesão, por ser aluno do curso técnico de enfermagem, agricultor, membro titular de dois conselhos gestores que buscam melhorias e recursos para seu assentamento e por ser tesoureiro da associação da comunidade.

Como parece ter ficado claro nos trabalhos escritos, ser versátil, saber fazer de tudo um pouco, parece ser uma disposição perfeitamente experimentável na vida dos assentados da reforma agrária. Importa lembrar que a luta pela terra na Paraíba foi longa, difícil, violenta, tendo exigido desses sujeitos grande capacidade de sacrifício e de ação coletiva perseverante e destemida.

Outro aspecto a destacar: de modo geral no contexto analisado, ser versátil entrelaça, num único movimento, habilidades para reproduzir cada vez com mais aptidão os meios de vida e para fortalecer os serviços de interesse coletivo. Nas atividades coletivas parece ter os dias contados uma prestação de serviços tradicional, como a da parteira. Há prestações de serviço mais recentes, como aquelas que giram em torno da formação profissional dos técnicos em enfermagem, ou em torno das associações, dos conselhos gestores, voltados para a construção de

infraestrutura para os assentamentos e para gerar iniciativas a serviço do bem comum.

ALGUMAS PERSPECTIVAS PARA A CONTINUIDADE DESTE ESTUDO

Tendo chegado até aqui, algumas indagações são inevitáveis: se essa disposição versátil, se as aptidões plurais são antigas, da idade do ser humano, se estas dificilmente vão ser descartáveis na vida das pessoas que viveram distante de uma escola capaz de mudar radicalmente seus modos de adquirir conhecimento, não cabe a nós entender com mais prontidão essas formas mais espontâneas de adquirir saberes e conhecimentos? Não era nesse sentido que Freire (1997, p. 99) convidava o educador a “promover uma curiosidade espontânea do educando à curiosidade epistemológica?” No caminho do cruzamento dessas curiosidades não poderemos estar mais próximos da construção de um sentido da pessoa humana “total”, anunciada por Edgar Morin?

Manacorda (1989) ajuda a ver que não avançamos significativamente num esforço sistemático e político capaz de fazer emergir este homem ou esta mulher versátil, omnilateral, no sentido mais completo almejado por Marx. Ao perseguir a reintegração da omnilateralidade do ser humano, Marx reforçava uma necessidade da reunificação das estruturas da ciência e da produção. Mesmo assim, falando a partir de seu contexto, do seu tempo, não via validade na “extensão a todos da cultura tradicional no tipo de escola até então existente para as classes dominantes, nem a formação subalterna, até então concedida às classes produtivas, através da antiga aprendizagem artesanal ou das novas formas de ensino unidas a indústria moderna.” (MANACORDA, 1991:85).

Por tudo isso, as indagações continuam atuais e desafiadoras: não serão, desconcertantemente, os cursos de formação profissional, como os da enfermagem, que também dependem de sujeitos versáteis, um excelente laboratório para que possamos pensar processos de escolarização mais abertos a aspectos fundamentais impregnados nos modos de ser da pessoa que não se identifica com os caminhos da

aprendizagem escolar? Será empobrecedor cultivar uma disposição discente preparada para lidar com muitas coisas ao mesmo tempo, para cultivar uma multissensorialidade compatível com o que se aprende no cruzamento do que se vê, do que se toca, do que se ouve, do que se degusta, do que se cheira? Essa via é incompatível com a aspiração de se chegar a processos de análises e de sínteses mais elaborados?

Por vias próprias, as tecnologias da comunicação e da informação já não estão sinalizando decisivamente nessa direção? Ainda na década de 1970, Francisco Gutiérrez (1995, p. 216) entendeu isso muito bem, ao ponto de esclarecer: “a educação deverá promover, antes de tudo, o desenvolvimento de aptidões para assumir responsabilidades tanto individuais quanto sociais frente a um mundo imprevisível e cada dia menos codificado”. Diante de tal desafio, Gutiérrez convidava os educadores a não supervalorizar os conhecimentos consolidados, certo de que “esses conhecimentos surgirão das necessidades e circunstâncias reais dos educandos e de seu relacionamento com a semiótica social e a semiótica dos meios de comunicação.” (op. cit., p.216).

Sem esse tipo de protagonismo dos educandos, impregnado em nossas raízes culturais, dificilmente transformaremos nossos discursos em inteligência criadora, em educação humanamente significativa para uma prática da liberdade e da convivialidade.

Knowledge and practice of the nurse technician as a way to evoke and rebuild popular savvy in the education of the young and adults

Abstract: The text discusses an undeniable bonding between scientific/technical knowledge and popular savvy, concerning their practical nature. To Ginzburg this happened in Hippocratic medicine when written systematization used to serve the

sensitive perception of the medical doctor; a “hunter” skilled in reading the symptoms of infirmities. Popular intelligence and healthcare have intersected both in the past and the present. This becomes evident through the Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Técnico na Área da Saúde (BRASIL, 1999), as they design multiple aptitudes for such a professional. A small investigation developed in 2007 with 39 students in the formation course for nurse technicians for rural settlements in Paraíba was the starting point for this study. As a result, it was verified that dominating several fields of responsibility and collective interest are mankind's antique inheritance, but are still valid these days. This can be seen in the guidelines for the nurse technician formation course (2003/2004) as well as in reports from the settlements. These domains are impoverished when school teaching is less investigative and content-oriented.

Keywords: Paraíba Settlements; Nurse Technician; Popular Savvy; Formation.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. **Diretrizes Curriculares para o Ensino Técnico Área da Saúde**. Ministério da Educação, Ministério da Saúde, 1999.

http://www.opas.org.br/rh/admin/documentos/diretrizes_curriculares.pdf. Acessado em 08/12/2011.

DÉTIENNE, Marcel; VERNANT, Jean-Pierre. **Métis - as astúcias da inteligência**. São Paulo: Odisseus, 2008.

FILHO, Lourenço. O problema da Educação de Adultos. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, vol. 81, nº. 197, Brasília, jan./abr., 2000, p.116-27.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história**. São Paulo: Cia da Letras, 1989.

GUTIERREZ, Francisco. A pedagogia da Comunicação. In GADOTTI, Moacir. **História das Ideias Pedagógicas**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

JAEGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LAIN-ENTRALGO, Pedro (org.) **Historia Universal de la Medicina**. Barcelona: Madrid, 1972. Tomo I.

MANACORDA, Mario A. **História da Educação**: da antiguidade aos nossos dias. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1989.

MORIN, Edgar. **O paradigma perdido**: a natureza humana. Lisboa. Europa-América. (1991).

PAIVA, Vanilda. **Educação Popular e Educação de Adultos**. São Paulo: Loyola, 2003.

ESCOLA TÉCNICA DE SAÚDE - UFPB. **Projeto do Curso Técnico de Enfermagem**. Centro de Ciências da Saúde, UFPB, João Pessoa, 2003/2004.